

"Jornalista no Front": Euclides da Cunha e as primeiras representações da barbárie

Pascoal Farinaccio

Universidade Federal Fluminense, Niterói, Brasil

Resumo: Este trabalho analisa as primeiras representações da barbárie forjadas por Euclides da Cunha na série de artigos enviados diretamente do *front* da guerra de Canudos para o jornal *O Estado de São Paulo*, no ano de 1897. Recolhidos no livro *Diário de uma Expedição*, estes artigos são considerados aqui levando-se em conta o estatuto de invenção literária de suas imagens impactantes e as implicações ideológicas pressupostas.

Palavras-Chaves: Euclides da Cunha; Guerra de Canudos; Diários Brasileiros.

Abstract: This paper analyses the earliest representations of the barbarism wrought by Euclides da Cunha in the series of articles sent directly from the front of Canudos war for the newspaper *O Estado de São Paulo* in 1897. Collected in the book *Diário de uma Expedição*, these articles are considered here taking into account the statute of literary invention of its shocking images and the ideological implications assumed.

Keywords: Euclides da Cunha; Canudos war; Brazilian diaries.

Euclides da Cunha é enviado a Canudos como repórter de *O Estado de São Paulo* e adido ao estado do ministro da Guerra no ano de 1897. Assiste, *in loco*, aos acidentes da guerra travada no sertão baiano. O grande resultado literário dessa experiência, como é bem sabido, é o livro *Os Sertões*, cuja publicação em 1902 trouxe imediata notoriedade ao escritor fluminense. Ainda em 1897, entretanto, envia ao jornal *O Estado de São Paulo* artigos diretamente do *front* de batalha. Tais artigos, que foram redigidos literalmente no calor da hora, representam as primeiras tentativas de Euclides de compreender e de trazer à escrita os acontecimentos da guerra.

Reunidos no livro *Diário de uma Expedição* os artigos já revelam, por um lado, a maestria literária do autor (jornalista, sim, mas antes de tudo um grande escritor!); por outro, chama-nos a atenção a surpresa de Euclides perante a insuspeitada resistência do povo sertanejo, a que procura explicar, sem muito sucesso. Em artigo de 16 de agosto de 1897 refere-se à batalha em sua “feição primitiva, incompreensível, misteriosa” (CUNHA, 2000, p. 96); adjetivação que surpreende, a julgar pelo posicionamento inicial de nosso escritor, que fora testemunhar, em princípio, algo cristalinamente polarizado: a batalha da civilização contra a barbárie, a ordem republicana versus a desordem primitiva de fanáticos do sertão, Antonio Conselheiro à frente... O famigerado artigo “A Nossa Vendéia” (*idem*, pp. 43-61) aproxima o episódio de Canudos à revolta monarquista e católica que uniu camponeses e nobres contra a revolução francesa na região da Vendéia, na França, entre os anos de 1793 a 1795. Lá, a ameaça de camponeses contra a Revolução Francesa; no Brasil, os seguidores do Conselheiro colocando em risco a recém-proclamada República (e, por conseguinte, suas promessas de modernização do país).

A posterior desilusão de Euclides com os rumos tomados pela política republicana é matéria já bastante discutida e não nos interessa particularmente aqui; o objetivo deste artigo é outro e diz respeito às representações forjadas por Euclides para dar **forma literária** às imagens da guerra por ele presenciada. Referimo-nos às primeiras representações, isto é, àquelas que justamente estão recolhidas no *Diário de uma Expedição*. Entre essas, do ano de 1897, e aquelas que depois farão parte de *Os Sertões* é de supor que Euclides da Cunha tenha enfrentado sucessivas dificuldades para, enfim, dar conta plenamente de sua tarefa, enquanto escritor. Podemos inferi-lo por testemunhos do próprio Euclides, que aqui e ali dá notícia dessas dificuldades, as quais chegaram a lhe parecer até mesmo insuperáveis.

Sabemos que Euclides deixou Canudos no dia 3 de outubro, após assistir ao violento assalto de 6000 mil soldados contra o arraial (Canudos cairia definitivamente dois dias depois). A brutalidade desse assalto causou

grande impacto sobre o escritor, que afinal adoeceu e retirou-se do *front* com acessos de febre. Podemos dizer que estava **traumatizado** (retomaremos a questão do trauma adiante). De regresso, passa por Salvador e escreve no álbum da médica Francisca Froés, a pedido dela, um poema sugestivamente intitulado “Página Vazia”. Vale a pena citá-lo:

Quem volta da região assustadora
De onde eu venho, revendo, inda na mente,
Muitas cenas do drama comovente
Da guerra despiedada e aterradora.

Certo não pode ter uma sonora
Estrofe ou canto ou ditirambo ardente
Que possa figurar dignamente
Em vosso álbum gentil, minha senhora.

E quando, com fidalga gentileza
Cedeste-me esta página, a nobreza
De vossa alma iludiu-vos, não previstes

Que quem mais tarde, nesta folha lesse
Perguntaria: “Que autor é esse
De uns versos tão mal feitos e tão tristes”
(CUNHA, 1995a, p. 726)

O soneto diz da impossibilidade de dizer a guerra pelo jornalista ainda traumatizado pelo que viu: “Quem volta da região assustadora / De onde eu venho, **revendo, inda na mente** / Muitas cenas do drama comovente...” As cenas estão na mente, são formas mentais perturbadoras que ainda, por assim dizer, não se estabilizaram na forma escrita (poderíamos avançar que isso se daria, da forma mais plena possível, em *Os Sertões*, embora, como já observado, o *Diário de uma Expedição* forneça imagens de grande força). O poema de Euclides da Cunha faz-nos lembrar o ensaio seminal de Walter Benjamin sobre o narrador. Pensamos especificamente nesta passagem: “No final da guerra, observou-se que os combatentes voltavam mudos do campo de batalha, não mais ricos, e sim mais pobres em experiência comunicável” (BENJAMIN, 1994, p. 198). Notoriamente, “Página Vazia” pode ser tomado como um exemplo concreto para ilustrar a tese benjaminiana.

Ainda em 1897, na cidade de Descalvado, interior de São Paulo, Euclides, já às voltas com a elaboração de *Os Sertões*, escreve para seu amigo Domingos Jaguaribe a propósito de sua aflição em face da tarefa literária que se impôs: “Olho para as páginas em branco do livro que pretendo escrever

“Jornalista
no Front”:
Euclides da
Cunha e as
primeiras
representações
da barbárie

197

e parece-me às vezes que não realizarei o intento” (CUNHA, 2000, p. 28). “Página vazia”, e agora, em imagem similar, “páginas em branco”. Nos dois casos, o temor de não se alcançar a representação literária.

Sem menosprezar as dificuldades inerentes à elaboração de um livro como *Os Sertões*, sem dúvida uma tarefa árdua para qualquer escritor, por mais intelectualmente preparado como fosse o caso de Euclides da Cunha, cremos que a noção de “trauma”, atrás assinalada, pode servir como um elemento explicativo, entre outros, da tortuosa e aflita passagem da **experiência vista** para a **experiência escrita**. Márcio Selligman-Silva, retomando a definição clássica de Freud para trauma (“uma experiência que traz à mente, num período curto de tempo, um aumento de estímulo grande demais para ser absorvido”) anota que a palavra “trauma” é uma palavra grega que significa “ferimento”. “O trauma é justamente uma ferida na memória”. E mais: “O trauma, para Freud, é caracterizado pela incapacidade de recepção de um evento **transbordante** – ou seja, como no caso do sublime: trata-se, aqui também, da incapacidade de **recepção** de um evento que vai além dos ‘limites’ da nossa percepção e torna-se, para nós, algo **sem-forma**” (SELIGMANN-SILVA, 2000, p. 84; grifos do autor).

Para o caso que nos interessa, diríamos que o “sem-forma” começa a tomar forma no *Diário* e alcança seu ponto máximo de consistência expressiva em *Os Sertões*. A julgar pelos testemunhos deixados pelo próprio Euclides podemos inferir o quão árdua foi essa travessia literária. Retomando, um tanto livremente, o ensaio de Benjamin sobre o narrador, gostaríamos de propor que o “livro vingador” de 1902 significou, para o escritor traumatizado pelas cenas de barbárie assistidas no sertão, a “cura” de seus maiores fantasmas. Afinal, uma das hipóteses mais sugestivas do ensaio benjaminiano diz respeito aos poderes curativos da arte de narrar... Posto isso, passemos à consideração de algumas passagens do *Diário de uma Expedição*.

A imagem dos soldados da República é excelente ponto de partida. Imagem inicial, que seria totalmente redimensionada ao longo da vivência dos acontecimentos. Leia-se este registro escrito na cidade da Bahia, hoje Salvador, em 10 de agosto de 1897: “Anima-a [à cidade] uma população adventícia de heróis: soldados que voltam mutilados e combalidos da luta, soldados que seguem entusiastas e fortes para a campanha. E presa nesse fluxo e refluxo de mártires que chegam e de valentes que avançam...” (CUNHA, 2000, p. 69). “Heróis”, “mártires”, “valentes” – o vocabulário não deixa dúvidas quanto ao entusiasmo e admiração do autor pelos soldados, que de Salvador partiam para a região conflagrada. Irresistível, nesse passo, compararmos essa imagem impoluta dos soldados àquela que restaria

eternizada n 'Os Sertões. Após se referir aos degolamentos que os soldados praticavam com os sertanejos prisioneiros, aos quais era imposto um viva à República, poucas vezes concedido por eles, Euclides observa: "Tínhamos valentes que ansiavam por essas covardias, tácita e explicitamente sancionadas pelos chefes militares. Apesar de três séculos de atraso os sertanejos não lhes levavam a palma no estadear idênticas barbaridades" (CUNHA, 1995b, p. 598). Como se vê, uma revisão radical dos valores: de "mártires" passamos aos soldados "covardes", que, sob o beneplácito dos chefes militares, tomavam para si o título de bárbaros da Campanha...

Já uma imagem que praticamente não sofreria transformações radicais é a da terra. Cabe referi-la aqui, neste artigo que se ocupa de imagens da barbárie, pois, de certa forma, a catástrofe social já está **pré-figurada** na descrição de seu cenário particular, antes mesmo de se dar concretamente a carnificina. No *Diário* temos uma descrição **dramatizada** da caatinga. Registro do dia 1 de setembro, encontrando-se o autor em Queimadas, diz do ansioso encontro com o espaço inóspito e surpreendente: "Mais abaixo, caindo para a direita, uma vereda estreita e sinistra – a estrada para Monte Santo. Percorri-a hoje, pela manhã, até certa distância, a cavalo, e entrei pela primeira vez nas caatingas, satisfazendo uma curiosidade ardente, longamente alimentada". E o que se descortina, então, é um mundo novo, **uma terra ignota**, ainda carente de representação literária e interpretação: "Um quadro absolutamente novo; uma flora inteiramente estranha e impressionadora capaz de assombrar o mais experimentado botânico". Segue-se a isso uma descrição que diz algo que ultrapassa os limites da ciência botânica, na frase longa e sinuosa do autor: "E o que se sente observando essa multidão de árvores pequenas, diferenciadas em galhos retorcidos e quase secos, desordenadamente lançados a todas as direções, cruzando-se, trançados, num acervo caótico de ramos quase desnudados – é como um bracejar de desespero, a pressão de uma tortura imensa e inexorável" (CUNHA, 2000, pp. 134-135). Alegoria moderna perpassada pela morte e pela ruína, os galhos das árvores são os braços dos sertanejos na visão exuberantemente plástica do autor, que aí fixa o desespero e a tortura daqueles que foram vencidos pela História.

Passaremos doravante a tratar justamente da figura do sertanejo, que recebe tratamento ambíguo do autor ao longo de todo o *Diário*. Por um lado, são eles os fanáticos, os ignorantes e bárbaros que se opõem às conquistas modernizadoras da "imortal República"; por outro, demonstrando em sua resistência aos sucessivos ataques do exército federal uma "robustez soberana e energia indômita" são igualmente considerados por Euclides "o cerne da nossa nacionalidade". Curiosamente, são o "cerne" do país

*"Jornalista no Front":
Euclides da Cunha e as primeiras representações da barbárie*

199

e se encontram à **margem do país e da História** – estão no centro e ao mesmo tempo fora dele, precisando, como sugere várias vezes Euclides, serem “incorporados à civilização”... Há um paradoxo aqui que talvez só se explique pensando-se no **caráter produtivo** do texto euclidiano; em outras palavras, é preciso atentar para o **dado de invenção** do sertanejo conforme **posto** pela escrita euclidiana

Assim sendo, é lícito ponderar que a “barbárie” atribuída ao sertanejo é acima de tudo isto (ou meramente isto): **efeito de sentido** produzido pelo texto que a diz. Vejamo-lo com exemplos extraídos do *Diário*. Quando se refere à via-sacra do Monte Santo, por exemplo, afirma tratar-se de “um milagre de engenharia rude e audaciosa” (*idem*, p. 168). As capelinhas de Monte Santo são, pois, obra de gente “rude” (retenhamos o adjetivo). Mais elucidativa é a impressão que tem a respeito das casas do arraial, quando enfim adentra Canudos e as vê, estarecido: “... como se tudo aquilo fosse construído rapidamente, vertiginosamente, febrilmente – numa noite – por uma multidão de loucos!” (*idem*, p. 201). Temos, portanto, os sertanejos como “rudes” e “loucos”. Mais um exemplo: ouvindo os tiros que partem do arraial semidestruído Euclides pondera que “a fantasia apenas divisa ali dentro uma legião invisível e intangível de demônios” (*idem*, p. 178). Somando-se as passagens citadas, temos: o sertanejo é rude, é louco, é demônio... Caracterizações dessa ordem dão a tônica do relato euclidiano e propõem uma certa visão estereotipada e depreciativa do sertanejo.

O ponto culminante da **demonização** do sertanejo concentra-se na figura do Conselheiro, o líder messiânico que poderia tanto entrar para a História como ir para o hospício, como conjectura Euclides em *Os Sertões*. Já no *Diário de uma Expedição*, o Conselheiro surge como ponto de convergência de todos os elementos negativos da formação sociocultural e racial do povo brasileiro: “Antônio Conselheiro, espécie bizarra de grande homem pelo avesso, tem o grande valor de sintetizar admiravelmente todos os elementos negativos, todos os agentes de redução do nosso povo” (*idem*, p. 89). Podemos interpretar a passagem como uma **dupla síntese**: a) no sentido pretendido por Euclides: o Conselheiro como síntese das tendências impulsivas e irracionais das raças inferiores; b) em sentido de construção literária, isto é, o Conselheiro como desembocadura das teorias evolucionistas e positivistas esposadas por Euclides, que encontram no líder de Canudos a sua ilustração exemplar (enfim, uma espécie de síntese das teorias que o explicam “de fora”).

Como é bem sabido, Euclides revê muitas de suas posições ideológicas ao vivenciar *in loco* o episódio de Canudos; em grande medida, a realidade desmentiu a sua ciência. A bem da verdade, entretanto, deve-se dizer que

em nenhum momento de sua obra Euclides abandona o esquema racial como categoria analítica operacional, a partir da qual **vê e interpreta** Canudos. Mas alguma coisa dentro dele efetivamente se modificou (e talvez esteja aqui a característica principal que faz a força e o encanto de sua obra), como dá a entender passagem efetivamente admirável do *Diário*: “Felizes os que não presenciaram nunca um cenário igual...” E a seguir a confissão pungente de que a guerra, em sua face mais cruenta, havia demolido de maneira expressiva o seu esquema conceitual e ideológico: “Quando eu voltei, percorrendo sob os ardores da canícula, o vale tortuoso e longo que leva ao acampamento, sentia um desapontamento doloroso e acreditei haver deixado muitos ideais, perdidos, naquela sanga maldita, compartilhando o mesmo destino dos que agonizavam manchados de poeira e sangue...” (*idem*, p. 218).

Se, por um lado, demoniza o sertanejo (quase sempre chamado por ele, em clave depreciativa, de “jagunço”), por outro, não deixa de demonstrar admiração pela coragem e resistência demonstradas pelos habitantes de Canudos. Observando os prisioneiros, por exemplo: “Tem a mais sólida, a mais robusta têmpera essa gente indomável! (...) Ainda não consegui lobrigar a mais breve sombra de desânimo em seus rostos, onde se desenhavam privações de toda sorte, a miséria mais funda; não tremem, não se acobardam...” (*idem*, pp. 186-187). Face a face com o “inimigo”, Euclides vê no olhar do outro um surpreendente e insuspeitado orgulho: “um olhar de altivez estranha e quase ameaçadora” (*idem*, p. 187).

E quando discorre sobre as estratégias de guerra das quais lançam mão os sertanejos não deixa de, por assim dizer, admirá-las **pelo avesso**. Assim, na expressão “perfidia assombrosa do jagunço” (*idem*, p. 162) quer nos parecer que convivem aí rejeição e admiração pelas ações dos oponentes... A passagem refere-se à estratégia dos sertanejos de contaminarem as águas disponíveis para consumo em pequenos pântanos, jogando dentro deles cadáveres de homens e cavalos... A “perfidia assombrosa” priva os soldados republicanos de saciarem a própria sede no calor tremendo da caatinga.

Em passagem registrada no dia 10 de setembro, já no arraial de Canudos, relata a ação assombrosa de um único homem, que colocou batalhões inteiros de soldados sob sua mira, causando baixas inumeráveis. A descrição desta “tarefa espantosa” é imantada por um tom épico, que mais uma vez explícita, para nós leitores, a admiração do escritor: “Era uma fuzilaria tenaz, impetuosa, mortífera, formidável, jogando em terra pelotões inteiros e feita por um único homem. Os soldados, estonteados, atiravam ao acaso, na direção provável do maldito: uma saraivada de balas passava

“Jornalista no Front”:
Euclides da Cunha e as primeiras representações da barbárie

rugindo pela galhada do umbuzeiro; o atirador sinistro e nunca percebido abaixava apenas a cabeça e passada a onda das balas, continuava, de cócoras no fundo da trincheira, a tarefa espantosa”. Saldo do episódio: “Ainda lá estão as cápsulas detonadas. Contei 361. Trezentos e sessenta e um tiros deu aquele ente fantástico e talvez perdesse muito poucas balas. E não morreu” (*idem*, p. 181). Atirador “maldito” e “sinistro” e, ao mesmo tempo, quase irreal em sua valentia e destemor: “ente fantástico”.

Duas imagens de resistência coletiva para concluirmos. Registro do dia 28 de setembro informa que a artilharia do exército castigou duramente o arraial, a que se seguiu um “silêncio tumular” no local. Silêncio que parecia trazer a boa nova, enfim, da rendição do inimigo: “... e os corações começavam já a bater febrilmente ante a quase evidência da vitória longamente esperada...” Quando, então, ocorre o inesperado: “... uma explosão formidável feita pelos disparos simultâneos das armas despedaçou o silêncio e a noite e um turbilhão de balas caiu rugindo sobre a nossa gente...” Posto isso, a frase exclamativa de Euclides, em que, apurando os ouvidos, podemos detectar a sua admiração crescente (e muito provavelmente enigmática para ele mesmo): “Incompreensível e bárbaro inimigo!” (*idem*, p. 199).

Registro do dia 1 de outubro (apenas quatro dias antes, portanto, da queda final do arraial) é impressionante pela descrição da **violência** do combate: “A artilharia fez estragos incalculáveis nas pequenas casas, repletas todas. Penetrando pelos tetos e pelas paredes as granadas explodiam nos quartos minúsculos despedaçando homens, mulheres e crianças sobre os quais descia, às vezes, o pesado teto de argila, pesadamente, como a laje de um túmulo, completando o estrago”. A nosso ver, está aí o ponto culminante do *Diário*, no que diz respeito à capacidade da escrita euclidiana de representar a barbárie em seus aspectos mais cruéis. E não obstante a violência do ataque, mais uma vez a surpresa perante a resistência dos sertanejos: “Nesse momento passou-se um fato extraordinário e inesperado em que pese aos numerosos exemplos da heróica selvaticueza revelada pelo *jagunço*. De todas as casas, há poucos minutos fulminadas, irrompendo de todas as frinchas das paredes e dos tetos, saindo de todos os pontos, explodiu uma fuzilaria imensa, retumbante, mortífera e formidável, de armas numerosas rápida e simultaneamente disparadas – e sobre os batalhões assaltantes refluíu a réplica tremenda de uma saraivada, impenetrável, de balas” (*idem*, pp. 207-208).

Sejamos, pois, justos com o positivista Euclides da Cunha e citemos esta passagem, que se segue às imediatamente anteriores: “Sejamos justos – há alguma coisa de grande e solene nessa coragem estóica e incoercível, no

heroísmo soberano e forte dos nossos rudes patrícios transviados e cada vez mais acredito que a mais bela vitória, a conquista real consistirá no incorporá-los, amanhã, em breve, definitivamente, à nossa existência política” (*idem*, p. 208).

Em fim de contas, o processo civilizatório, segundo o escritor, não poderia ser completado à força das armas dos soldados, mas precisaria contar com um herói mais modesto, e no entanto mais eficaz, em seu trabalho diário e persistente: “Que pelas estradas, ora abertas à passagem dos batalhões gloriosos, que por essas estradas amanhã silenciosas e desertas, siga, depois da luta, modestamente, um herói anônimo sem triunfos ruidosos, mas que será no caso vertente, o verdadeiro vencedor: o mestre-escola” (*idem*, p. 92).

“Jornalista no Front”:
Euclides da Cunha e as primeiras representações da barbárie

Recebido em 28 de setembro de 2009 / Aprovado em 22 de dezembro de 2009

203

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENJAMIN, Walter. “O Narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov”, in **Magia e Técnica, Arte e Política**. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo, Brasiliense, 1994.

CUNHA, Euclides da. **Diário de uma Expedição**. Org. Walnice Nogueira Galvão. São Paulo, Companhia das Letras, 2000.

_____. **Obra Completa**. V. 1. Org. Afrânio Coutinho. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1995a.

_____. **Os Sertões**. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1995b.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. A História como Trauma. In: NESTROVSKI, Arthur; SELIGMANN-SILVA, Márcio. **Catástrofe e Representação**. São Paulo, Escuta, 2000.